

DIÁLOGOS DAS ASSALARIADAS RURAIS 2022

CONTAR

Confederação Nacional dos Trabalhadores Assalariados e Assalariadas Rurais



CONTAR

FETAR'S

STTAR'S



Apoio: OXFAM Brasil

sage FUND



**DIÁLOGOS DAS
ASSALARIADAS
RURAIS 2022**

COMISSÃO NACIONAL
DAS ASSALARIADAS RURAIS



CONTAR

Confederação Nacional dos Trabalhadores
Assalariados e Assalariadas Rurais

FETAR'S

STAR'S



Clamu

Apoio:



OXFAM
Brasil

EXEPEDIENTE CADERNO – MULHERES 2022

Presidente: Gabriel Bezerra Santos
Vice Presidente e Secretário de Formação e Organização Sindical: José Francisco Gomes Saldanha
Secretaria Geral, Políticas Sociais e Salarias e Assuntos Jurídicos: Adão Donizete da Cruz
Secretaria de Finanças e Administração: Gilvan José Antunis
Secretaria de Gênero e Geração: Maria Helena dos Santos Dourado Neves
Primeiro Suplente: Rita de Cassia Dias dos Santos
Segundo Suplente: Cristiana Maria de Andrade
Terceiro Suplente: - Suely Rodrigues Ferreira
Quarto Suplente: Keyla Pereira Salgado

Conselho Fiscal Efetivo: Edjanilda da Silva
Antônio Inácio Ribeiro
Marcos Antônio de Oliveira

Conselho Fiscal Suplente
Primeiro: José Claudio da Silva
Segundo: Antônio Miguel Aguiar
Terceiro: Elaine Paggi Amude

COMISSÃO NACIONAL DAS ASSALARIADAS RURAIS

Maria Felícia Castro
Fernanda Almeida de Almeida
Cristiane Tavares Pereira
Jaqueline Feliciano Pereira
Cristiana Maria de Andrade
Dilma Gomes de Lemos
Maria Samara de Souza
Mara Cunha
Francisca Fabrícia Maciel
Vera Lúcia Vasconcelos
Francisca Maria da Silva
Vandiceia Cristina de Oliveira
Sueli Rodrigues Ferreira
Elaine Paggi Amude
Eliete Aparecida Rosa
Luciene da Silva
Neli Maria dos Santos
Terezinha Franklyn
Alena Alves de Oliveira
Driana Cappellesso
Maria Rivanete do Nascimento
Maria Helena Dourado

Assessoria e Consultoria:- Carlos Eduardo Chaves (Cadu)
Diana Oliveira
Laíssa Pollyana do Carmo

Jornalista Responsável: Luiz Henrique Parahyba
Edição: Rogéria Araújo
Direção de Arte: Rubens Sousa
Apresentação de Vídeos: Thalyta Duarte
Direção de Imagens: Alexandre Ferreira
Produção: Tambaú Comunicação



CONTAR

FETAR'S

STAR'S



Apoio:





CONTAR

Confederação Nacional dos Trabalhadores
Assalariados e Assalariadas Rurais



HISTÓRIA

A Confederação Nacional dos Trabalhadores Assalariados e Assalariadas Rurais (CONTAR) foi fundada em outubro de 2015 por dissociação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), como estratégia para fortalecer a organização sindical dos assalariados e assalariadas rurais que, por sua especificidade, demandava uma estrutura sindical própria que pudesse atender as demandas e defender os interesses dos empregados e empregadas rurais brasileiros.

Participaram da fundação da Confederação as Federações de Trabalhadores Assalariados Rurais dos Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará, Pernambuco e Rio de Janeiro e, de lá para cá, passaram a integrar sua base as Federações dos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraná, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo. Juntas, estas federações têm em sua base mais de seiscentos sindicatos de trabalhadores assalariados e assalariadas rurais, que vêm se fortalecendo a cada dia, mesmo com os impactos das reformas aprovadas no país nos últimos anos.

DA ORGANIZAÇÃO DA ENTIDADE

A CONTAR é dirigida por um órgão colegiado e, desde a sua fundação, aprovou em seu estatuto quotas de mulheres (30%) nas instâncias deliberativas e jovens (20%), além de uma quota de 30% de renovação da diretoria a cada processo eleitoral. Estas medidas foram aprovadas para que fosse assegurado tanto o processo de renovação das lideranças sindicais, como também o fortalecimento da presença de jovens e mulheres nos espaços de decisão das entidades que compõem o seu sistema.

A Comissão Nacional das Assalariadas Rurais é um mecanismo de articulação e fortalecimento das mulheres no sistema CONTAR. A comissão foi criada em 2022 e já atua em várias frentes junto com o Comitê Latino-Americano da Mulher da UITA (Clamu) e organizações nacionais e internacionais.

A CONTAR, suas federações e sindicatos, sempre trabalham articuladas com a União Internacional dos Trabalhadores na Alimentação, Agricultura, Hotéis, Restaurantes, Tabaco e Afins (UITA) e formalizou seu pedido de filiação no ano de 2017.

Filiada ao DIEESE, o SISTEMA CONTAR fica fortalecido e subsidiado para atuar nas Convenções e Acordos Coletivos realizados no Brasil. São mais de 600 Acordos e Convenções realizados em todos setores produtivos e acompanhados pelo DIEESE, o que garante informações socioeconômicas para as negociações. Também atuamos com parceiros como a OXFAM Brasil, Repórter Brasil e a Comissão Pastoral da Terra.

POR VOCÊ,
São mais de 600 convenções e acordos de trabalho

PRA VOCÊ E
Melhores salários e condições de trabalhos.

PRA LUTAR!
Acabar com a carestia e queremos distribuição dos lucros das empresas.

CONTAR
Confederação Nacional dos Trabalhadores Assalariados e Assalariadas Rurais

Todo sindicato tem Assistência jurídica,
Homologação de acordo, combate ao trabalho escravo e uma
boa acolhida para resolver seus problemas trabalhistas.

Sindicato é o lugar para melhorar sua condição de vida e de trabalho.

CAMPANHA NACIONAL DE SINDICALIZAÇÃO

CONTAR FETAR'S STTAR'S Apoio: OXFAM Brasil

CAMPANHA DE SINDICALIZAÇÃO

“Por você, pra você e pra lutar” é a nova mobilização da categoria para fortalecer os sindicatos. Assim, nós mulheres, estamos engajadas na CAMPANHA NACIONAL DE SINDICALIZAÇÃO, mobilizando as federações e centenas de sindicatos.

TEXTO BASE DA CAMPANHA SINDICALIZAÇÃO

Por você: São mais de 600 convenções e acordos de trabalho;

Pra você: Melhores salários e condições de trabalho;

Pra Lutar: Acabar com a carestia e queremos distribuição dos lucros das empresas.

O seu sindicato é o lugar para você se organizar. Todo sindicato tem Assistência jurídica, Homologação de acordo, combate ao trabalho escravo, luta por políticas públicas e uma boa acolhida para resolver seus problemas trabalhistas.

Sindicato é o lugar para melhorar sua condição de trabalho.

Por você, pra você e pra lutar.

INTRODUÇÃO

Companheiras e companheiros, estamos vivendo tempos áridos e muito difíceis. O preço elevado dos alimentos, do gás de cozinha, o desemprego e as precárias condições de trabalho tornam as nossas vidas mais difíceis a cada dia. Mesmo com este cenário precisamos lutar juntas para superar essas dificuldades e garantir nossos direitos. Para ajudar nesse processo, apresentamos o nosso II Diálogos das Assalariadas Rurais, resultado do trabalho coletivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores Assalariados e Assalariadas Rurais, suas Federações, Sindicatos, da União Internacional dos Trabalhadores na Agricultura e Alimentação (UITA) e que contou com o apoio da OXFAM Brasil. Este material busca expor situações vividas por nós, mulheres assalariadas rurais, as nossas condições de trabalho e mostrar ao mundo que, mesmo diante de tanta dificuldade, estamos conseguindo nos organizar.

Mulheres do campo e da cidade expressam suas lutas, angústias, esperanças e histórias nos relatos dos "DIÁLOGOS DAS ASSALARIADAS". Esta nossa segunda publicação é uma ferramenta de formação para ser usada pelas companheiras nos debates, cursos, exposições e discussões nas bases. Nós pretendemos com esse material de texto e vídeos, ajudar na organização da nossa luta. Usando dados, gráficos e ilustrações, além das dos depoimentos das companheiras, seremos mais fortes.



Todos os depoimentos de vida das companheiras são reais, da nossa rotina. O objetivo do nosso caderno é inspirar e motivar mais ainda as companheiras que estão na base, nas suas organizações, para que se sintam empoderadas e preparadas para enfrentar os desafios, fortalecer sua participação no sindicato e na luta por uma sociedade mais justa. No primeiro momento, planejamos que esse material seria um ponto de partida, mas agora ele representa as nossas conquistas e a nossa luta para melhorar nossas condições de vida e de trabalho. Com o II CADERNO DOS DIÁLOGOS DAS ASSALARIADAS RURAIS, vamos fortalecer nossa estratégia para mudar esse cenário sombrio e desastroso que vivemos no Brasil de hoje. Vamos lutar por mais dignidade e pelos nossos Direitos Humanos. Boa leitura e sigamos firmes na luta.

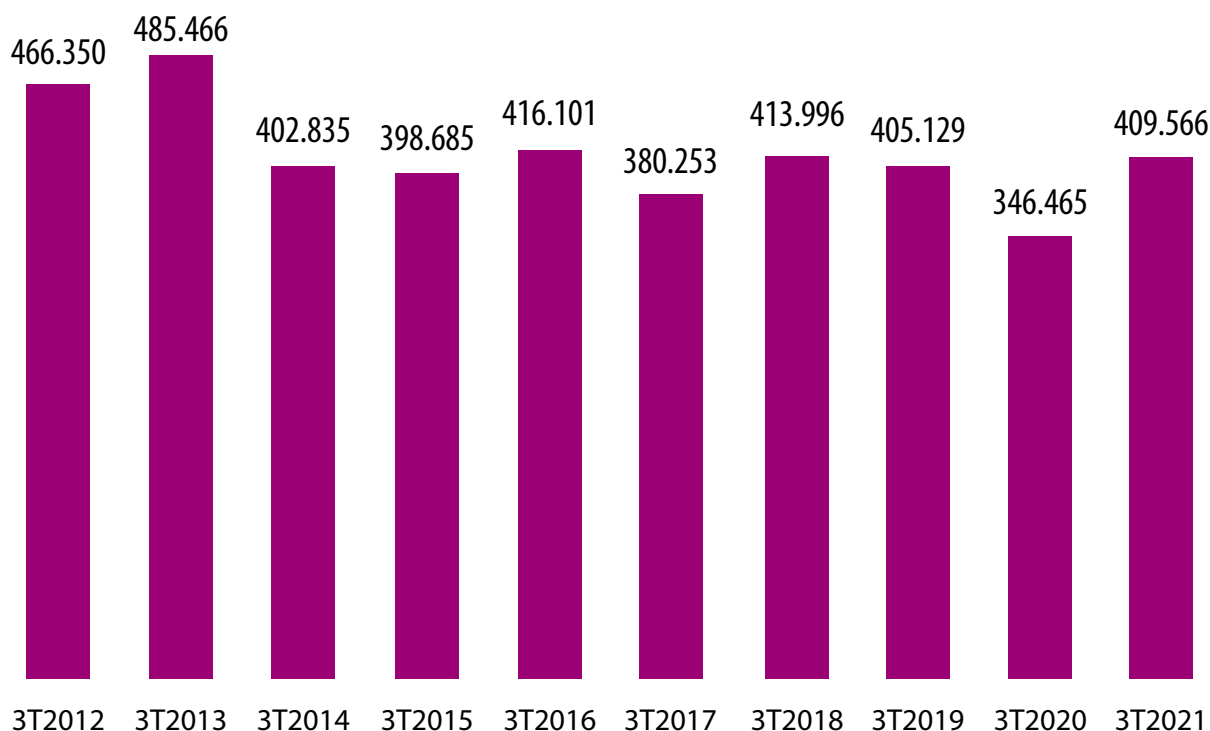


Maria Helena Dourado
Secretária de Gênero e Geração da CONTAR

PANORAMA DO MERCADO DE TRABALHO

A quantidade de mulheres assalariadas rurais aumentou entre o 3º Trimestre de 2020 e o mesmo período de 2021. Se em 2020, os números da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD Contínua) apontavam a existência de 346,465 mil assalariadas, no ano passado este total foi para 409.566 mil mulheres.

Estimativa de mulheres assalariadas no setor agrícola Brasil 3º trimestre de 2012 a 3º trimestre de 2021



Fonte: IBGE. PNAD Contínua (3º trimestre de cada ano) • Elaboração: DIEESE

Os dados mostram, também, que a quantidade de homens assalariados continua bem maior em 2021, chegando a 3.277.197 milhões de trabalhadores nesta categoria.

Quantidade de homens assalariados e mulheres assalariadas (2021)

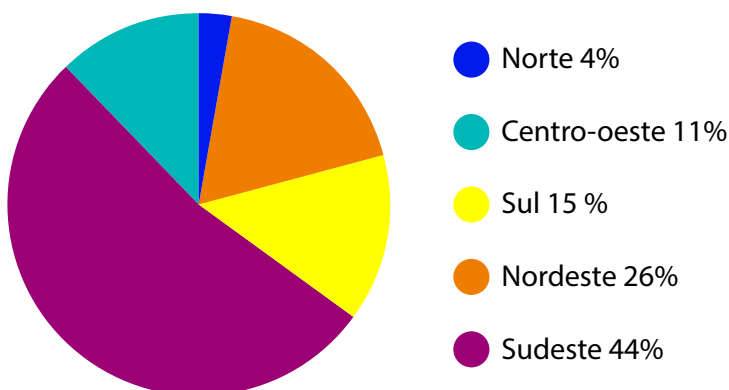


DISTRIBUIÇÃO POR REGIÕES

As mulheres assalariadas rurais estão presentes em todas as regiões do Brasil. O mesmo levantamento coloca a região Sudeste com 179.354 mil mulheres assalariadas, concentrando a maior parte, seguida da região Nordeste com 107.830 mil e da região Sul com 422.098 mil. A região Centro Oeste aparece com 438.679 mil e a Norte com 15.890 mil.

ASSALARIADAS RURAIS POR REGIÃO

PNAD CONTÍNUA • 3º TRIMESTRE 2021



Segundo levantamento do 3º trimestre de 2021, a atividade que mais concentrou mulheres assalariadas foi o cultivo de café, com 54 mil empregadas. Na sequência, estão a criação de bovinos e cultivo de outras plantas e, em terceiro, a horticultura.

Criações e culturas rurais com maior quantidade de mulheres assalariadas Brasil 3º trimestre 2021

Cultivo	Homens	Mulheres	Total	% de Mulheres
Criação de bovinos	851	41	892	5%
Cultivo de café	240	54	294	18%
Cultivo de cana-de-açúcar	268	20	288	7%
Cultivo de outras lavouras temporárias não especificadas anteriormente	216	37	252	15%
Cultivo de soja	205	22	227	10%
Produção florestal	199	14	214	7%
Cultivo de outras plantas e frutas de lavoura permanente não especificadas anteriormente	146	41	187	22%
Cultivo de milho	169	12	181	7%
Horticultura	121	39	160	25%
Criação de aves	111	30	141	21%
Outros	702	99	801	12%
Total	3.227	410	3.637	11%

Fonte: IBGE. PNAD Contínua • Elaboração: DIEESE

O número de vínculos formais – aqueles com carteira de trabalho assinada – possui maior concentração de mulheres em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Os dados são da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério de Economia.

Número de vínculos formais de trabalho no setor de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura • Brasil 2021

UF	Homens	Mulheres	Total	% de Mulheres
Rondônia	12.256	1.522	13.778	11%
Acre	2.935	256	3.191	8%
Amazonas	2.794	457	3.251	14%
Roraima	1.379	209	1.588	13%
Pará	45.606	5.024	50.630	10%
Amapá	946	56	1.002	6%
Tocantins	20.343	2.558	22.901	11%
Maranhão	20.514	1.879	22.393	8%
Piauí	8.373	894	9.267	10%
Ceará	19.011	2.446	21.457	11%
Rio Grande do Norte	15.709	1.886	17.595	11%
Paraíba	14.145	877	15.022	6%
Pernambuco	37.952	10.148	48.100	21%
Alagoas	9.209	445	9.654	5%
Sergipe	9.106	496	9.602	5%
Bahia	81.205	13.866	95.071	15%
Minas Gerais	212.121	38.803	250.924	15%
Espírito Santo	24.101	4.622	28.723	16%
Rio de Janeiro	16.404	2.262	18.666	12%
São Paulo	241.647	63.254	304.901	21%
Paraná	84.167	17.989	102.156	18%
Santa Catarina	32.046	9.695	41.741	23%
Rio Grande do Sul	66.701	13.825	80.526	17%
Mato Grosso do Sul	59.998	9.858	69.856	14%
Mato Grosso	105.757	17.780	123.537	14%
Goiás	79.846	15.638	95.484	16%
Distrito Federal	4.278	1.096	5.374	20%
Total	1.228.549	237.841	1.466.390	16%

Fonte: ME Rais • Elaboração: DIEESE



CONTAR

FETAR'S

STAR'S

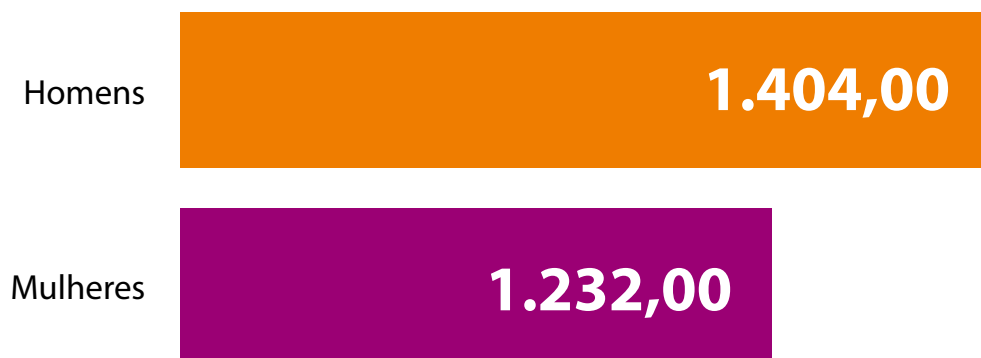


Apoio: OXFAM Brasil

DESIGUALDADE SALARIAL

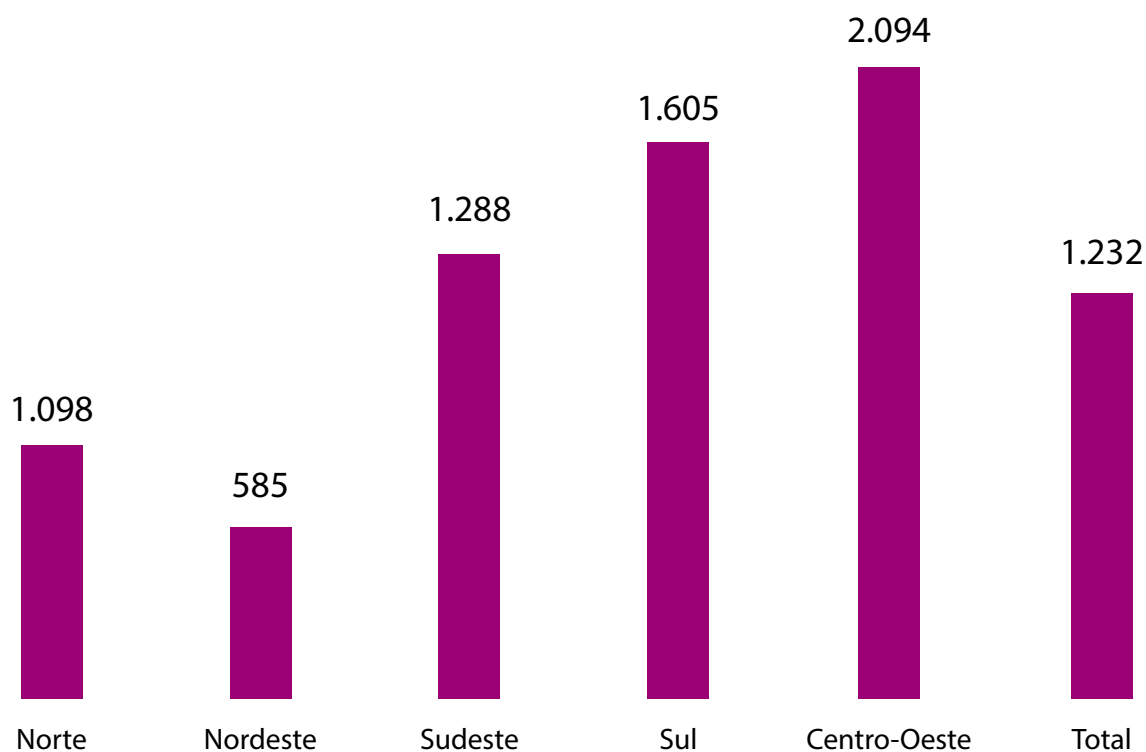
Segundo dados da PNAD Contínua, quando é levada em consideração a questão de gênero a desigualdade nos salários permanece. Enquanto os assalariados rurais recebem, em média, R\$ 1.404,00, as mulheres assalariadas ganham R\$ 1.232,00.

SALÁRIO E GÊNERO PNAD Contínua • 3º trimestre de 2021



As condições relacionadas à remuneração das mulheres assalariadas rurais também refletem o rendimento médio expressando muitas diferenças entre as regiões do Brasil. O relatório da PNAD Contínua mostra que as assalariadas da região Centro Oeste possuem maior rendimento médio, com R\$ 2.094,00. Já a região Nordeste possui menor rendimento com R\$ 585,00.

Rendimento médio das assalariadas rurais, segundo região Brasil 3º trimestre 2021

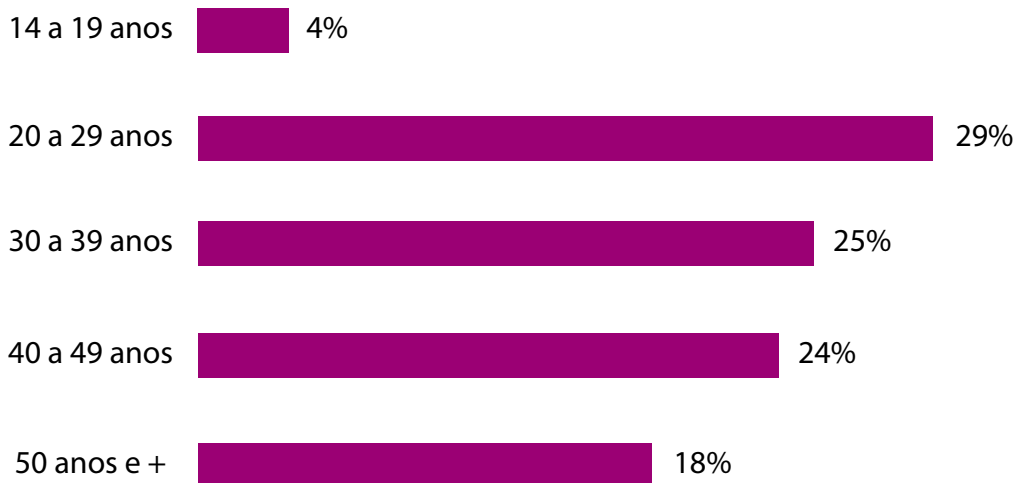


Fonte: IBGE. PNAD Contínua • Elaboração: DIEESE

IDADE, ESCOLARIDADE E COR/RAÇA

IDADE • Com relação à idade, há um avanço no envelhecimento das mulheres assalariadas rurais na faixa dos 20 aos 29 anos. Das 409.566 mil assalariadas, 29% estão nesta faixa etária.

Distribuição das mulheres assalariadas rurais segundo faixa etária
Brasil 2º trimestre 2021



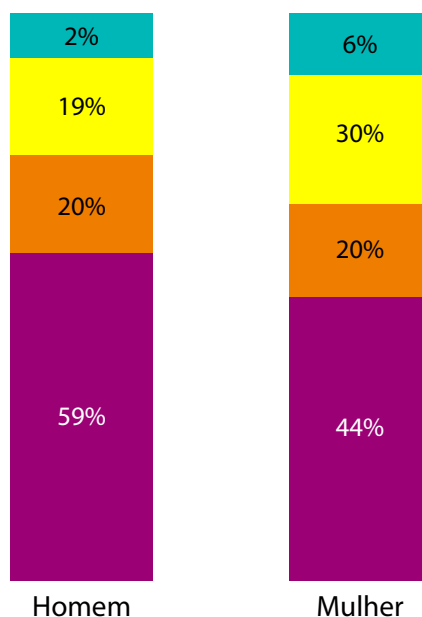
Fonte: IBGE. PNAD Contínua • Elaboração: DIEESE

ESCOLARIDADE • Seguindo a tendência de dados de 2020, o nível de escolaridade das mulheres assalariadas rurais no 3º Trimestre de 2021 continua mais elevado quando comparado ao dos homens do campo.

Distribuição dos assalariados rurais, segundo escolaridade e sexo
Brasil 3º trimestre de 2021

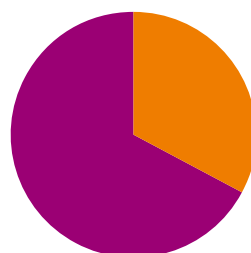
- Superior completo
- Médio completo
- Fundamental completo
- Fundamental incompleto

Fonte: IBGE. PNAD Contínua
Elaboração: DIEESE



COR/RAÇA • PNAD CONTÍNUA – 3º TRIMESTRE 2021

• Os dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) indicaram que as mulheres negras predominam entre as trabalhadoras assalariadas rurais. De acordo com o Dieese, foram contabilizadas 143.668 mil mulheres não negras e 265.898 mil mulheres negras.



COR/RAÇA
PNAD CONTÍNUA • 3º TRIMESTRE 2021

- Negras • 65%
- Não Negras • 35%

DIÁLOGOS DAS ASSALARIADAS RURAIS – ENTREVISTAS

Do Norte ao Sul, são muitas vozes que precisam ser ouvidas. É com este propósito que lançamos mais esta série de entrevistas com assalariadas rurais mostrando a realidade de cada região e a luta comum que une todas as trabalhadoras rurais no Brasil em busca de direitos e dignidade.

ELISABETE VITOR

Três Corações • Minas Gerais



Elisabete Vitor é uma liderança com vasta trajetória. Começou a trabalhar nos cafezais no município de Três Corações, em Minas Gerais, ainda criança, com oito anos de idade. Hoje, com 55 anos de idade, transformou toda sua vivência em luta por direitos por outras mulheres que, assim como ela, sabem bem as dificuldades que enfrentam as trabalhadoras assalariadas. Sabe que ainda há muito por fazer. Mas tem uma certeza: não vai desistir.

COMO SE DEU SUA TRAJETÓRIA NESTA LUTA DAS ASSALARIADAS RURAIS?

Comecei a trabalhar na roça com minha mãe quando tinha 8 anos. Ela estava na roça ou então trabalhando como doméstica. Hoje tenho 55 anos e uma vida trabalhando na roça. Mas foi em 2002 quando minha mãe faleceu, a coisa apertou, e eu tive que ir pra roça, de fato. Mas aí eu já queria os meus direitos, pois não tinha carteira assinada. Durante esse período, o patrão não assinou e na fase boa da lavoura ele mandou a gente embora, alegando que um caminhão teria que ser consertado. Era mentira. Procurei o sindicato e vi o que perdia e o que o patrão ganhava.

De lá pra cá, comecei a incentivar outras mulheres a participar também. Em 2009, fiquei na linha de frente coordenando o Sindicato de Três Corações. Não foi fácil por ser mulher e por ser negra. Existiu e vai continuar existindo a dificuldade para uma mulher mãe, avó, esposa estar liderando com força e coragem. Fui ameaçada várias vezes, tinha sempre que

andar acompanhada porque Elisabete Vitor já era vista de outra forma. Não desisti porque a luta na roça é muito difícil, é dolorosa demais.

“Fui ameaçada várias vezes, tinha sempre que andar acompanhada porque Elisabete Vitor já era vista de outra forma. Não desisti porque a luta na roça é muito difícil, é dolorosa demais”

HOJE VOCÊ CONTINUA NA LUTA INCENTIVANDO OUTRAS MULHERES. COMO É SUA ATUAÇÃO, COMO É ESSA LUTA HOJE?

Acho que hoje é ainda mais difícil do que antes, acredita? As mulheres me falam que precisam perguntar para o marido se podem participar da luta. “Tenho até vontade, mas não sei se ele vai deixar eu participar”, elas falam isso. Sabemos que a partir daí já temos uma outra visão. Por que só o marido está com a carteira assinada e, às vezes, você trabalha até mais que ele e sua carteira não é assinada? Isso não é justo. Por que o marido pode ser aposentado e a mulher tem que correr atrás para comprovar que trabalhou? Conheci uma mulher casada há 35 anos e ela me perguntou se eu achava que ela poderia se aposentar, pois nunca teve a carteira assinada. São essas mulheres que estão junto comigo e não posso perder a esperança, nem a fé. Acredito na luta sindicalista. Apesar de faltar muito, eu tenho certeza que podemos fazer a diferença. Mas ainda há um preconceito entre as próprias mulheres. E esse é momento

de estarmos unidas. Chega de morrer sem direitos.

“Apesar de faltar muito, eu tenho certeza que podemos fazer a diferença. E esse é momento de estarmos unidas. Chega de morrer sem direitos”

A GRANDE QUESTÃO É QUE O AMBIENTE DE TRABALHO É MUITO MACHISTA, ONDE O HOMEM FAZ ESSE DIÁLOGO. MAS SEU EXEMPLO TRAZ FORÇA PARA MUITAS MULHERES. NA NEGOCIAÇÃO, POR EXEMPLO, VOCÊ SENTE QUE HÁ UMA FLEXIBILIDADE QUANDO HÁ UMA VOZ MASCULINA À FRENTE NO PROCESSO?

Eles dão mais ouvidos para um homem. Para a mulher, eles olham e pensam que estamos falando besteira. Essas diferenças existem de todas as formas, mas no cafezal, na lavoura, na roça isso é bem pior. Ataca a coluna, você vê as pessoas com depressão. É uma tristeza só. Nós precisamos de uma médica ou médico que pudesse olhar o que essas mulheres têm. Quando chegamos num hospital, aqui da minha cidade, quem atende a gente é um filho de um fazendeiro, é um fazendeiro. Então não adianta ir lá e falar que está com uma hérnia de tanto carregar saca. Eles vão falar que você está com alergia a agrotóxico e vão te dar um antialérgico. Eu falo porque já passei por isso e outras pessoas também. Mas com tudo isso eu não vou desistir. Não sei se vou conseguir ver a mudança, mas tenho certeza que muitas virão depois de mim. Estarei aqui sempre incentivando para que falem, para que as mulheres tenham vez e voz.

O mais lindo, ao longo desses 20 anos que se completam agora em 2022, é que tinha uma senhora de 98 anos que nos acompanhava. Ela acreditava na nossa luta. Então tudo isso é por ela, é por outras, é pelas que estão chegando. Apesar das ameaças vale a pena. É por isso que esta luta faz valer a pena.

“Não sei se vou conseguir ver a mudança, mas tenho certeza que muitas virão depois de mim. Estarei aqui sempre incentivando para que falem, para que as mulheres tenham vez e voz.”

COMO É SUA ARTICULAÇÃO DENTRO DO MOVIMENTO, COMO É QUE É SUA ATUAÇÃO SINDICAL JUNTO A OUTRAS ASSALARIADAS?

Na verdade eu me sinto uma voluntária. Eu não estou no Sindicato, estou sempre me metendo, debatendo e batendo de frente com outras pessoas para que nós, mulheres, tenhamos vez e voz. É por isso que estou sempre em todas.

COMO SÃO AS CONDIÇÕES DO TRABALHO NO CAFÉ?

Não temos local para comer. E nós, mulheres, que ficamos menstruadas temos essa dificuldade. Precisamos nos trocar e onde nós podemos nos trocar? Há essa dificuldade. Tem também a questão do peso. A saca de 60 quilos é muito pesada, não tem quem carregue para nós. O mais difícil mesmo é não ter a carteira assinada. São muitos anos de trabalho e vemos a dificuldade maior que é não ter direito algum. Então precisa fiscalizar mais para o lado das mulheres. É bem precário, é uma realidade muito triste.

O SETOR DO CAFÉ JÁ FOI RECORDE DE TRABALHO ESCRAVO NO ANO PASSADO. JÁ É UMA REALIDADE MUITO DURA, ENTÃO SER MULHER NESSE MEIO É AINDA MAIS DIFÍCIL, NÃO?

É muito ruim. É de chorar mesmo, pois muitas vezes você está lá com dor e não pode parar. Você sabe que ganha pelo que você está produzindo ali na hora e quando chega a assinar a carteira, eles não pagam aquilo que você tem direito. Está dez reais a medida, então você tira 200 reais por dia. Mas no final do “acerto”, você não recebe nada, só recebe o que fez no período que trabalhou na lavoura.



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

NELI MARIA DOS SANTOS

Secretária de Finanças da Federação de Goiás e presidente do Sindicato dos Assalariados e Assalariadas de Goianésia-GO



Vem de Goianésia, do Estado de Goiás, um exemplo que só a luta organizada dá bons resultados. Por lá, a situação das mulheres assalariadas já é bem melhor do que em vários outros lugares do Brasil. Neli Maria dos Santos, secretária de Finanças da Federação de Goiás e presidente do Sindicato dos Assalariados e Assalariadas de Goianésia, conta sua história de vida e dos avanços que as mulheres já tiveram nos canaviais da região.

JÁ QUE VOCÊ TRABALHA DENTRO DESTE CONTEXTO COMO ASSALARIADA RURAL, COMO É A ROTINA NO CORTE DA CANA-DE-AÇÚCAR NA SUA REGIÃO?

A rotina aqui é aquela rotina em que a mulher levanta bem cedo, prepara a marmitinha, põe na mochila e vai para o campo. Sai às 5h, começa no campo às 7h e trabalha até 4h da tarde. Hoje, aqui na minha região, já mudou muito, quase não tá tendo corte de cana manual. A maioria é mecanizada.

Quando eu comecei a cortar cana, eu tinha 10 anos. Naquela época, ia com minha mãe e toda a família. A rotina já era diferente. A gente ia às 4h da manhã para o campo, trabalhava, ia naqueles caminhões de fueiro (pau de arara), ele deixava a gente no campo e ia puxar a cana e a agente tinha de ficar lá até 10h da noite, esperando aquele caminhão descarregar na usina para retornar e trazer a gente para casa. A mulher era muito discriminada. Se uma diária de um homem – supondo – era de R\$ 30,00, a da mulher era de R\$ 15,00. A da criança, que naquela época permitia criança trabalhar, nós ganhávamos R\$ 10,00/R\$ 12,00 e trabalhava como um adulto, fazia o mesmo tanto de serviço. Mas hoje com a realidade dos

movimentos, do sindicato, a coisa já melhorou bastante na questão das mulheres, mas vejo que ainda temos um grande desafio pela frente.

PELO QUE VOCÊ FALOU, A MULHER GANHAVA METADE DO QUE UM HOMEM GANHAVA, FAZENDO O MESMO TRABALHO. MAS HOJE, O QUE VOCÊ PERCEBE DE DIFERENTE?

Hoje a realidade já melhorou muito. É que a mulher já tem um salário, principalmente no campo, igual a todo homem, teve a igualdade e tem os seus direitos, que antes a gente não tinha carteira assinada (trabalhava sábado, domingo e feriado, no dia que queria, trabalhava) e hoje não. Hoje já tem os dias trabalhando de segunda à sábado, tem o horário certinho de trabalhar e a mulher tem os seus direitos garantidos, mas eu vejo que a gente pode conquistar mais. A mulher tem mais direito e mais conquistas para serem feitas, principalmente quando ela tem uma criança, ela tem uma licença maternidade. Quando ela voltar, vai voltar a trabalhar na roça e ela tem dificuldade para conseguir uma creche para botar seus filhos, ou escola integral. Então é uma realidade que pode ser mudada.

“A mulher tem mais direito e mais conquistas para serem feitas, principalmente quando ela tem uma criança. Quando ela voltar, vai voltar a trabalhar na roça e ela tem dificuldade para conseguir uma creche”



NA VERDADE, É UMA CONQUISTA DE ESPAÇO, NÃO É?

É, hoje até na empresa eles valorizam mais a mulher, principalmente para operar máquina, por que são mais cuidadosas, têm mais zelo, a máquina delas é limpinha, bem arrumadinhas, quebra até menos a máquina da mulher. Estão valorizando mais elas.

PARA ESSA PRÓXIMA GERAÇÃO, O QUE VOCÊ ESPERA PARA ESSAS MULHERES QUE ESTÃO CHEGANDO AGORA, QUE ESTÃO TENTANDO ESSA CONQUISTA DE ESPAÇO QUE VOCÊ JÁ VEM AÍ HÁ MUITOS ANOS? VOCÊ PODERIA DEIXAR UMA MENSAGEM PARA ELAS, PARA ESSE MOMENTO DE LUTAS?

Bom, eu quero dizer a essas companheiras que vêm chegando para a luta que nunca baixem a cabeça, sejam guerreiras, ocupem seus espaços, principalmente nas políticas, porque hoje o nosso espaço é muito curto, não tem aquele espaço para a mulher na política. Vamos lutar! Estude, lute, se empodere e seja uma vencedora. Sejam mulheres fortes e vencedoras.

E COMO É O TRABALHO NA SUA REGIÃO DE GOIANÉSIA E COM AS OUTRAS MULHERES TAMBÉM, ESSE TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO, EM QUESTÃO DOS DIREITOS E DE FILIAÇÃO?

É bom. Aqui na minha região, a gente tem um bom trabalho, tem os treinamentos. Antes, uma mulher não podia trabalhar num trator, numa máquina, existia uma discriminação danada. Através dos diálogos com os encarregados de empresas, chefes, a gente conseguiu - várias colegas minhas conseguiram - fazer o curso e hoje estão operando uma máquina, estão felizes trabalhando e vem mudando, sabe? A realidade de uns anos atrás mudou bastante, através de luta, conquista e empoderamento das mulheres.

“Nunca baixem a cabeça, sejam guerreiras, ocupem seus espaços, principalmente nas políticas, porque hoje o nosso espaço é muito curto, não tem aquele espaço para a mulher na política”

“A realidade de uns anos atrás mudou bastante, através de luta, conquista e empoderamento das mulheres”



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

MARIA SAMARA DE SOUSA

Dirigente do Sindicato dos Assalariados e Assalariadas Rurais de Juazeiro-BA



Maria Samara de Sousa é dirigente sindical no maior polo de produção de frutas do País, em Juazeiro, na Bahia. Mulher, jovem e negra, ela participa desta edição do “Diálogos das Assalariadas Rurais”, trazendo sua trajetória, enfatizando a importância da organização sindical, sempre destacando o quanto é necessário fazer com que mais mulheres estejam nos espaços de decisões.

VOCÊ É UMA REFERÊNCIA NA LUTA DAS MULHERES ASSALARIADAS. CONTE UM POUCO SOBRE COMO FOI SUA JORNADA ATÉ AQUI.

Em 2008 eu comecei minha jornada como assalariada rural em uma empresa de um projeto que irrigava no Jardim Curaçá, uma Cooperativa Agrícola, numa empresa chamada Alberto Sasad. Então, desde de 2008, sou assalariada rural e já comecei meu trabalho na fruticultura. Entrei para o movimento sindical, vim conhecer o Sindicato em 2015, que foi quando eu me tornei delegada sindical pela primeira vez e passei dois anos como delegada sindical. Em 2016 fui convidada para fazer parte da diretoria. Vim para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juazeiro como secretária de jovens e adolescentes e, aqui, permaneci desde 2018. Em 2020 teve a dissociação sindical e eu vim para a direção como secretária de jovens e adolescentes. A partir deste momento, a gente é Sindicato de Assalariados e Assalariadas Rurais.

E COMO FOI PARA VOCÊ ENTRAR NESSE UNIVERSO DO MOVIMENTO SINDICAL?

Não é fácil ser dirigente sindical num movimento tão masculino. São poucas

dirigentes femininas. Mas tive apoio. A negociação não é fácil. Não é sempre que o Sindicato tem o apoio dos trabalhadores da base. A gente tem que convencer nossas companheiras de como o Sindicato é importante, que é o Sindicato que mantém a luta dos direitos, que é o sindicato que luta por melhores condições de trabalho, por condições sociais, por aumento de salário. Quase todos os dias estamos nas empresas, visitando o trabalhador, reunindo os pontos de apoio, conversando sobre os direitos sociais, sobre a CLT, sobre a convenção coletiva e, a cada dia mais, a gente consegue o apoio do trabalhador rural. Foi um momento difícil com a pandemia, passamos quase um ano sem ir nos locais. Mas temos contato permanente nos grupos de whatsapp.

“A gente tem que convencer nossas companheiras de como o Sindicato é importante, que é o que mantém a luta dos direitos, que luta por melhores condições de trabalho, por condições sociais, por aumento de salário”

VOCÊ ESTÁ SITUADA EM UM DOS MAIORES LOCAIS PARA FRUTAS EM EXPORTAÇÃO DO PAÍS, ENTÃO TEM UM ATRATIVO DE EMPRESAS MAIORES. O QUE É MAIS DIFÍCIL NESSE ASPECTO, É A NEGOCIAÇÃO COM AS EMPRESAS? É ATRAIR O TRABALHADOR AO SINDICATO?

É um polo imenso. O maior polo de fruticultura irrigada é aqui no nosso Vale do São Francisco e a negociação é o ponto crucial para o

assalariado rural. É muito difícil por que a cada ano as empresas vêm com um novo olhar para o assalariado rural, não tem esse olhar carismático para o trabalhador. A Reforma Trabalhista de 2017 dificultou ainda mais as negociações coletivas. Antes a gente negociava com a CLT que era a base, hoje estamos negociando com a CLT abaixo, então é difícil para negociar. Tivemos uma resistência muito grande das empresas nesse aspecto, por que vieram os ataques. A gente vê que a pauta do empresário veio maior do que a pauta do trabalhador e a gente nunca tinha presenciado isso.

“A Reforma Trabalhista de 2017 dificultou ainda mais as negociações coletivas. Antes a gente negociava com a CLT, hoje estamos negociando com a CLT abaixo, então é difícil para negociar”

COMO É ESSE DIÁLOGO COM AS MULHERES, COMO É QUE VOCÊ CONSEGUE SE DIRECIONAR A ELAS PARA PODER SE ENGAJAREM COM AS LUTAS DO DIA A DIA?

Sempre quando a gente vai nas empresas, tento me colocar no meio delas. Falo que sou assalariada rural, que venho da base, que eu entendo essa realidade que elas passam, porque não é fácil ser mulher, não é fácil ser negra. A gente vem de uma família pobre, eu sou de uma família de trabalhador rural e agricultora. Vim da base, sou da base. Falo da minha dificuldade que foi para manter a graduação e conseguir me formar. Então é importante sempre falar disso e eu vejo que quando você fala que é da base, que veio de lá, de junto delas, a gente tem esse diálogo mais constante e tem o apoio da trabalhadora. Hoje eu estou aqui licenciada para fazer a função de secretária geral do Sindicato, mas amanhã pode ser uma delas e eu sempre friso isso: Olhe, hoje sou eu que estou lá, mas amanhã pode ser uma de vocês, porque a luta é constante, a luta não é só hoje. Quando entrei na faculdade, em 2015, o salário da categoria era R\$ 816,00 e só a faculdade, se fosse para eu pagar, era R\$ 750,00, então eu sempre falo

disso, do Prouni que eu ganhei a bolsa 100%. É muito gratificante para gente manter essa luta. Não é fácil, mas sou apaixonada por esse trabalho hoje e espero deixar um legado bonito nesse Sindicato, que as próximas que venham também mantenham essa luta.

“É muito gratificante para gente manter essa luta. Não é fácil, mas sou apaixonada por esse trabalho hoje e espero deixar um legado bonito nesse Sindicato”

SAMARA VOCÊ FALOU MUITO SOBRE A QUESTÃO DA UNIÃO ENTRE AS MULHERES E AGORA A CONTAR TEM UM COLETIVO VOLTADO PARA AS ASSALARIADAS DO BRASIL TODO. COMO É ESTAR INSERIDA NESSE CONTEXTO E SOBRE O QUE VAI VERSAR ESSE COLETIVO?

É um momento importantíssimo. A gente tentava se organizar durante muito tempo e a Contar deu esse pontapé inicial. A gente não conseguia fazer esse coletivo de mulheres e agora nós temos. No dia 7 [abril de 2022], estarei viajando para Brasília para participar mais uma vez de um momento com nossas companheiras de vários estados. Vamos dialogar sobre novas condições de trabalho, sobre a realidade de cada trabalhadora de cada Estado.

É muito importante esse coletivo de mulheres. Vamos dialogar, tentar melhorar as condições de trabalho, tentar melhorar as condições sociais. Aqui no vale, temos uma realidade, mas em vários estados do país são realidades distintas, mas que não deixam de ser realidade de uma mulher trabalhadora. A Contar está de parabéns por ter nos proporcionado esse momento.



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

TEREZINHA GONÇALVES

Feterpa Federação dos Empregados e Empregadas Rurais do Estado do Pará
Garrafão do Norte-PA



O 'Diálogos das Assalariadas Rurais' traz esta entrevista com Terezinha Gonçalves Franca, da Federação dos Empregados e Empregadas Rurais do Estado do Pará (Feterpa). Ela fala como é a luta e organização num dos Estados onde o índice de trabalho análogo ao trabalho escravo é muito expressivo. Moradora do município de Garrafão do Norte, ela conta que a extensão do Pará e a informalidade contribuem para a situação e do quanto os trabalhadores e trabalhadoras rurais perderam com a Reforma Trabalhista.

FALA-SE MUITO SOBRE A SITUAÇÃO TRABALHISTA NO PARÁ. O QUE OS ASSALARIADOS E ASSALARIADAS RURAIS ENFRENTAM HOJE DE PIOR NO ESTADO?

Hoje temos dificuldade, durante essa pandemia, principalmente agora no fechamento dos acordos coletivos. A gente teve muita perda, principalmente os assalariados, a mulher do campo. Então, nossa maior dificuldade está no fechamento dos acordos e a Federação vem acompanhando todas as negociações. A Federação sempre está presente e tenta melhorar o possível a vida do trabalhador e da trabalhadora rural. E isso só é possível justamente dentro destes acordos coletivos.

"A Federação sempre está presente e tenta melhorar o possível a vida do trabalhador e da trabalhadora rural. E isso só é possível justamente dentro destes acordos coletivos"

SE A SITUAÇÃO É DIFÍCIL NO GERAL, O QUE ATINGE ESPECIFICAMENTE AS MULHERES ASSALARIADAS RURAIS?

Em primeiro lugar, a mulher já tem dificuldade de entrar para as empresas. Por ser mulher, ela já encontra problema em ter com quem deixar os filhos. E essa questão não é só no Pará, acho que surge no país inteiro. É muito difícil as empresas contratarem mulheres. Tanto é que, pelos números do país, a gente vê a quantidade de assalariadas que temos. O número de homens é grande, enquanto nós, mulheres, somos a minoria no assalariamento.

TEM SEMPRE UMA PERGUNTA, TEREZINHA, QUE NUNCA CALA E, ÀS VEZES, TEM MUITAS RESPOSTAS: POR QUE OS ÍNDICES DE TRABALHO ESCRAVO SÃO TÃO ALTOS NO PARÁ?

Acho que tem a questão da informalidade. Por mais que a gente busque ver através dos acordos, que é onde podemos ter esse número de trabalhadores, é bem complexo. Mas aí é assim, o Pará, como você acabou de dizer, ele tem esse número grande de trabalho escravo. Acho que o Pará é enorme, é muito grande. Com isso vem a dificuldade de ter o controle disso tudo, porque o trabalho informal é muito grande e não só no Pará, a gente sabe disso. Mas é com isso que vem o trabalho escravo.

COMO É A ATUAÇÃO DA FEDERAÇÃO E DAS ENTIDADES PARA ESTE COMBATE À INFORMALIDADE E PARA GARANTIR BONS ACORDOS NAS EMPRESAS?

Olha, está sendo assim: a gente vai fechando conforme as datas base. Tem empresas que a gente tem muita dificuldade. A dificuldade

todinha é na parte econômica, né? De ver como vai fechar esse acordo. Hoje eu não sei dizer precisamente a quantidade de acordos que nós temos, que o Pará tem. Mas a gente tem muitos acordos e a gente tenta, dentro desses acordos, melhorar a vida do trabalhador. É só através de acordo que a gente consegue direitos, porque nessa Reforma Trabalhista a gente perdeu muitos direitos. O trabalhador perdeu muitos direitos e, hoje, o espaço onde a gente tenta se firmar, ainda, é nos acordos e convenções.

o nosso coletivo de mulheres e a gente fez uma demanda de reivindicações, levamos para o Conselho e a gente conseguiu aprovar a criação do conselho. Quando veio a pandemia da Covid-19, tivemos dificuldade. Os encontros são todos de forma virtual, porque ainda está nesse momento muito difícil das nossas vidas no nosso país. Tivemos muitas perdas. Mas, graças a Deus, não é que a gente se reinventou? Pelo menos a gente está conseguindo mesmo que remotamente se encontrar e tentar resolver alguns problemas.



“É só através de acordo que a gente consegue direitos, porque nessa Reforma Trabalhista a gente perdeu muitos direitos. O trabalhador perdeu muitos direitos”

ESTUDOS DO DIEESE TEM SUBSIDIADO VÁRIAS ENTIDADES COM NÚMEROS E INFORMAÇÕES CONCRETAS. COMO ESSES DADOS TÊM AJUDADO O TRABALHO?

O Dieese tem ajudado muito. A gente sempre entra em contato lá em Belém e isso é muito importante, principalmente para nos ajudar nessa parceria com os trabalhadores e na questão da mulher lá no nosso estado. Em 2019, a gente entrou em discussão para criar



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

MARIA HELENA DOS SANTOS

Presidente da Federação dos Assalariados Rurais do Mato Grosso do Sul e Secretária de Gênero e Geração da CONTAR



Inserir a contratação de mulheres assalariadas nas convenções e acordos trabalhistas é um dos maiores desafios que a categoria enfrenta hoje. Sobre este assunto, a presidente da Federação dos Assalariados Rurais do Mato Grosso do Sul e secretária de Gênero e Geração da Contar, Maria Helena dos Santos Dourado Neves, fala há quanto anda a mobilização e

AS MULHERES ASSALARIADAS RURAIS ESTÃO AVANÇANDO NA ORGANIZAÇÃO DO COLETIVO. O QUE SE PRETENDE A PARTIR DE AGORA? QUAIS OS PRÓXIMOS PASSOS? Precisamos avançar, através do coletivo, em abranger mais o conhecimento de todas as trabalhadoras. Hoje temos um número muito grande de trabalho informal no país. Esse



as estratégias para que a discussão chegue a todas as trabalhadoras que estão no campo. O acesso a esse debate é essencial para possíveis vitórias. Confira.

número tem que ser diminuído. Um desafio que temos é ocupar esses espaços das áreas rurais, porque esses contratos trabalhistas são muito poucos. Queremos, por meio

do Conselho, levar esse conhecimento a todas assalariadas no nosso país. Queremos melhorar o conhecimento de todas, a questão da estrutura, do reconhecimento nas bases sindicais, do reconhecimento patronal. A trabalhadora precisa dessa formação, desse entendimento.

A GRANDE REIVINDICAÇÃO DAS MULHERES É A FALTA DE OPORTUNIDADE NO MERCADO DE TRABALHO. NO CORTE DA CANA, NO NORDESTE, AS EMPRESAS PRATICAMENTE SE RECUSAM A CONTRATAR MULHERES. COMO A CONFEDERAÇÃO E O COLETIVO QUEREM DISCUTIR E ENFRENTAR ISSO?

O primeiro passo para inserir as mulheres assalariadas é através das convenções. Através das convenções, dos acordos nas bases, a gente coloca esse ponto para ser discutido. Cada Estado que for fazer as convenções, que for fazer seus acordos em baixa, já coloca o assunto em pauta. É uma necessidade colocar essas trabalhadoras à frente para participar das convenções e ter esse acesso a essas informações. É essa oportunidade que vai reduzir o distanciamento dessas trabalhadoras e a dificuldade no mercado de trabalho.

“É uma necessidade colocar essas trabalhadoras à frente para participar das convenções. É essa oportunidade que vai reduzir o distanciamento dessas trabalhadoras e a dificuldade no mercado de trabalho”

A ESTRATÉGIA, ENTÃO, É PASSAR A DISCUSSÃO PELO SINDICATO E TRAZER PARA O COLETIVO?

Isso! Um dos objetivos é esse: trazer as trabalhadoras, levar aos sindicatos, fazer com que elas tenham essa base também, para que leve esse conhecimento às trabalhadoras lá na área rural.

NESSE ASPECTO DESSA DISCUSSÃO NAS CONVENÇÕES, VOCÊ QUER DIZER QUE É PRECISO QUE TENHA LÁ NA CONVENÇÃO

ESCRITO QUETEM QUETER UM PERCENTUAL DE MULHERES?

Sim, sim! Hoje o objetivo é colocar o percentual de mulheres nas convenções. Não sei se você já ouviu falar, mas o estado de Pernambuco já está colocando e isso é uma das discussões de lá. A gente quer levar isso para os outros estados através das coordenações. A gente tem que abrir umas coordenações nos estados. Primeiro aqui, na Nacional, depois ir para os estados com a coordenação de mulheres, onde elas participem das convenções, destes acordos e leve essa condição para inserir uma porcentagem de mulheres que, hoje, no caso está sendo discutido em 20%. Pelo menos 20% de mulheres na área rural, que é uma coisa que a gente não tem.

“É preciso que elas participem das convenções, destes acordos e leve essa condição para inserir uma porcentagem de mulheres que, hoje, no caso está sendo discutido em 20%”



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

JUVANDIA MOREIRA LEITE

Presidente da Contrafe-CUT, São Paulo



Juvandia Moreira Leite é presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Financeiro da Central Única dos Trabalhadores (Contrafe-CUT). Primeira mulher a ocupar o cargo de presidente num dos maiores sindicatos do país, em 87 anos, ela só reforça que as mulheres, do campo ou da cidade, devem se organizar, lutar e ocupar espaços de decisões.

O QUE É A CONTRAFE E COMO FOI SUA JORNADA PARA CHEGAR À PRESIDÊNCIA DA INSTITUIÇÃO?

A Contrafe é a Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Financeiro. Sou bancária, trabalho no Banco Bradesco. Comecei minha carreira em São Paulo e eu fui a primeira mulher a presidir um sindicato de bancários em São Paulo de Osasco e Região, que tem cerca de 140 mil trabalhadores e trabalhadoras nas bases. O sindicato tinha 87 anos quando eu assumi a presidência em 2010, assumi interinamente depois eu me elegi com 84% dos votos. Fiz duas gestões à frente do Sindicato e agora estou na Confederação e coordeno o Comando Nacional dos Bancários, a negociação é nacional, e a gente negocia numa mesa única.

É UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA, COM QUASE 90 ANOS DE FUNDAÇÃO DO SINDICATO, SER A PRIMEIRA MULHER E ESTAR À FRENTE DE UM DOS MAIORES SINDICATOS DO PAÍS. COMO É QUE AS MULHERES DA CIDADE LIDAM COM ESSAS DIFICULDADES DE ORGANIZAÇÃO

NAS LUTAS DENTRO DESSAS FRENTE SINDICAIS?

Nós, mulheres, sofremos muito dentro dessa sociedade que é patriarcal, machista, misógina. Esses preconceitos se transformam em discriminação e, depois, em violência seja física, psicológica, seja assédio moral ou sexual em local de trabalho. Então esse modelo de sociedade que discrimina a mulher é ruim para todo mundo. Tanto as mulheres do campo como da cidade enfrentam esse desafio porque esta é uma sociedade que foi organizada assim e a gente está lutando para desconstruir para conquistar equidade. Lugar de mulher é em qualquer lugar, é em todo lugar, é fazendo o que ela quer fazer. Não pode ter ali um carimbo, mulher no mundo privado cuida de casa e o homem vai para o mercado de trabalho; mulher é sensível e homem não chora. Essas heranças trouxeram muita discriminação. A gente luta também no movimento sindical porque somos o reflexo dessa sociedade. O movimento sindical das assalariadas é um exemplo. Olha quanto tempo levou para que uma mulher assumisse a presidência. Foram 87 anos. E quando sai também deixei outra mulher na presidência. Acho que esse é nosso papel: empoderar as mulheres. E temos que fazer isso em qualquer lugar que a gente estiver, temos que ter sororidade, apoiar as mulheres. Quando sai do Sindicato já era 70% da executiva. Nos cargos de comando do Sindicato, três mulheres ocupam as principais funções do sindicato. Quando eu sai deixei uma mulher, ficou uma mulher negra na presidência. Isso me orgulha muito, porque é a nossa luta dando frutos.

“Tanto as mulheres do campo como da cidade enfrentam esse desafio porque esta é uma sociedade que foi organizada assim e a gente está lutando para desconstruir para conquistar equidade”

A gente tem que lutar para ocupar estes espaços seja no campo ou na cidade. Inclusive no movimento sindical, pois a gente muda a pauta com o nosso olhar. Os trabalhadores e trabalhadoras têm pautas diferentes que precisam ser contempladas no movimento

DIRECIONAR PARA QUE TENHA INTERESSE DA PRÓPRIA MAIORIA FEMININA, QUE NO SEU CASO JÁ CHEGA A 70% NA SUA ÁREA. VOCÊ FALOU SOBRE APOIO E SORORIDADE. COMO FUNCIONA A CONTRAFE DENTRO DAS NEGOCIAÇÕES COM AS ASSALARIADAS RURAIS? PORQUE TEM AS CONVENÇÕES COLETIVAS, ENTÃO DEPENDE MUITO DA CONFEDERAÇÃO PARA QUE ESSAS NEGOCIAÇÕES TAMBÉM SIGAM.

Com certeza. A gente tem uma mesa de igualdade de oportunidade aqui no nosso ramo. A gente tem a negociação nacional,



sindical, no Congresso Nacional, no Legislativo, no Judiciário, no mercado de trabalho. Ter acesso a crédito, à renda, a emprego. Isso tudo é uma luta que temos que fazer sempre. Já avançamos bastante, mas temos muito ainda que avançar. Nesse último período do governo Bolsonaro tivemos muitos retrocessos nesse campo.

VOCÊ FALOU DE OCUPAR ESPAÇOS E DE OCUPAR ESPAÇOS COM PODER DE DECISÃO PARA MUDAR A PAUTA E

negociamos para quase 500 mil trabalhadores e trabalhadoras, metade da categoria está bem dividida ali, entre homens e mulheres. Em 2020, nós fizemos um acordo, um programa de combate de violência contra a mulher. Foi negociado com os bancos e nós colocamos essa pauta. Os bancos têm que criar canal de atendimento às bancarias vítimas de violência doméstica. Muitas vezes essa mulher sofre violência em casa e vai para o trabalho e não consegue desenvolver sua tarefa porque sofreu violência emocional e não consegue



CONTAR

FETAR'S

STAR'S



Apoio:



OXFAM
Brasil

produzir da mesma forma que outra pessoa que não sofre violência. ou falta ao trabalho porque está machucada. Nisso tudo, a mulher termina perdendo o emprego.

E aí o movimentos sindical está presente para olhar para isso. A gente criou o programa em 2020 e de lá pra cá os sindicatos também estão fazendo esse atendimento. Aqui na Contrafe, a gente criou uma campanha chamada "Basta", a gente faz o treinamento dos dirigentes dos sindicatos para atender não só as bancárias, mas toda a população. Nesse período do programa já tivemos mais de 300 pessoas atendidas, mulheres. Até adolescentes ligam para denunciar o pai que está sendo violento com a mãe.

Aliás, essa é uma pauta que, infelizmente, também atinge as mulheres do campo. Atinge, na verdade, todas as mulheres, independente de classe social. Esse é um debate que temos que nos unir pra defender no Legislativo, como também colocar na pauta de negociação. Mulher do campo, por exemplo, não tem direito a se aposentar. A gente fala sempre que os filhos não são das mulheres, são da sociedade. Se as mulheres deixassem de ter filho, a sociedade iria acabar, a raça humana iria acabar. Não pode então ficar todo o ônus para ela. O Bolsonaro já disse que mulher tem que ganhar menos porque engravida. Isso é um absurdo! A mulher não tem que ganhar menos porque engravida porque a sociedade precisa dela. Para isso foi criada a licença maternidade paga pelo Estado para não onerar a empresa e não excluir a mulher do mercado de trabalho.

"O Bolsonaro já disse que mulher tem que ganhar menos porque engravida. Isso é um absurdo! A mulher não tem que ganhar menos porque engravida porque a sociedade precisa dela"

Essas são demandas gerais. Acesso ao crédito, por exemplo, pois as mulheres estão muito na informalidade, o desemprego entre as mulheres é mais alto do que entre os homens. São pautas que precisam estar colocadas e que precisa unir as mulheres do campo e da cidade

para conquistar e melhorar esse Brasil que a gente vive. Nossa luta já é internacional, temo o 8 de Março, no mundo inteiro as mulheres e organizam. A Marcha das Margaridas também é uma luta muito bonita. É isso: nós temos que ocupar nossos espaços e ampliar, trazer outras mulheres, apoiar.

Aqui na Contrafe, quando eu entrei, a gente tinha 30% de mulheres na direção. Quando entrei na presidência fomos para 35%. Vamos ter um congresso em abril e espero passar dos 40% de mulheres na direção.



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

KÁTIA MAIA

Diretora da OXFAM Brasil



As mulheres assalariadas precisam acreditar na força que têm. Essa é uma das mensagens que a diretora executiva da OXFAM Brasil, Kátia Maia, traz nesta entrevista, onde aprofunda o importante papel que organização vem fazendo, incentivando as trabalhadoras a ocuparem espaços de decisão e mostrando, através de estudos como o relatório como “Frutas doces, vidas amargas”, qual é a verdadeira realidade no campo.

VOCÊ PODERIA FALAR SOBRE O OLHAR DIFERENCIADO QUE A OXFAM BRASIL TEM AQUI NO PAÍS? É UMA ENTIDADE INTERNACIONAL, MAS AQUI NO BRASIL ELA TEM OLHAR DIFERENCIADO PARA AS RELAÇÕES DE TRABALHO, NÃO É?

A OXFAM Brasil é uma organização brasileira, mas que faz parte dessa organização internacional. Quando a gente começou nosso trabalho no Brasil colocou como prioridade o enfrentamento das desigualdades e, quando a gente está falando de desigualdade, se existe uma área em que essa desigualdade é muito grande é no trabalho. É nos direitos do trabalho. O direito a um trabalho justo, decente, onde as pessoas recebam o correto pelo trabalho delas. E é por isso que a gente tem focado muito, tem priorizado trabalhar com o mundo rural, que é quem põe a comida na nossa mesa.

COMO A OXFAM CONTRIBUI NAS LUTAS E NA ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DA AMÉRICA LATINA, SOBRETUDO NO MEIO RURAL, QUE É QUEM PÕE A COMIDA NA NOSSA MESA, COMO VOCÊ FALOU?

Tanto aqui no Brasil, como em outros países onde a gente atua, vemos as mulheres

assalariadas rurais como fundamentais. Primeiro elas têm a força da luta, têm a força do trabalho duro que elas fazem, têm um trabalho duplo, triplo, e elas sempre estão em uma condição de salário menor, condições piores. Então se a gente pensa numa sociedade mais justa, a gente precisa trabalhar com as mulheres. São essas mulheres que estão sendo mais impactadas pelas injustiças, mas também são essas mulheres que apresentam o caminho para a gente mudar essa situação. Em outros países, a OXFAM também prioriza o trabalho com as mulheres e as assalariadas rurais são muito importantes nessa cadeia da produção do alimento, da produção do campo. Elas são as menos reconhecidas, tanto pelos homens - os próprios homens do campo - quanto pelo resto da sociedade.

“Se a gente pensa numa sociedade mais justa, a gente precisa trabalhar com as mulheres. São essas mulheres que estão sendo mais impactadas pelas injustiças, mas também são essas mulheres que apresentam o caminho para a gente mudar essa situação”

E DE QUE FORMA É CONDUZIDO ESSE TRABALHO? VOCÊ PODE EXEMPLIFICAR UM POUCO SOBRE COMO É POSSÍVEL PARA QUE A GENTE CHEGUE NESSA IGUALDADE?

Tem uma coisa que é muito importante para nós e que a gente vem fazendo aqui no Brasil, que é trabalhar com o mundo sindical. Porque a gente entende que a representação é uma forma de luta importante e a gente precisa ter dentro dos sindicatos muito mais mulheres

em qualquer tipo de sindicato, incluindo os sindicatos rurais. Porque o sindicato faz aquele embate direto ali com o patrão, com o dono da fazenda, com o dono da empresa, ele faz as negociações. E é muito importante que a voz das mulheres seja feita diretamente por elas, que a mulheres estejam nas lideranças sindicais. A OXFAM Brasil tem feito um trabalho de fortalecer junto aos sindicatos e, aqui no caso o sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras

parte dessa rede internacional, temos feito diálogos, inclusive, no caso daqueles produtos que são para exportação, com os compradores lá fora, porque os compradores lá fora, os supermercados internacionais, compram café internacional para produzir café especial. Eles não podem estar comprando produtos que não respeitam os direitos das assalariadas rurais.



assalariadas rurais, dar essa visibilidade e garantir o direito das mulheres. Fazemos muitos estudos, pesquisas de campo, vamos ao local que a gente sabe que as condições de trabalho não são corretas, não são justas, fazemos pesquisas, vídeo, produz relatório para poder dar visibilidade para esse tema, para que a sociedade entenda o que está acontecendo na vida no campo. E mais, como a OXFAM faz

“A OXFAM Brasil tem feito um trabalho de fortalecer junto aos sindicatos e, aqui no caso o sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras assalariadas rurais, dar essa visibilidade e garantir o direito das mulheres”

VOCÊ FALOU EM RELATÓRIOS E UM DELES É O PROJETO “FRUTAS DOCES, VIDAS AMARGAS”. QUAL FOI O RETRATO PERCEBIDO DENTRO DESSE RELATÓRIO DOS ASSALARIADOS E ASSALARIADAS RURAIS DO BRASIL? COMO ESSA VISIBILIDADE PODE MELHORAR A CONDIÇÃO DE VIDA DESSAS PESSOAS?

O relatório mostra com números a vida real das pessoas. Mostra o que efetivamente está acontecendo. Ele passa a ser uma ferramenta muito importante do sindicato. Quando a gente consegue dar visibilidade, a gente fala assim: “Olha, o setor de frutas do Brasil faz muito dinheiro, mas os assalariados rurais, que estão lá na base da produção (que planta, que colhe), são os que menos recebem”. Então, quando falamos isso, a gente espera gerar na sociedade esse senso de injustiça e queremos gerar nos grandes supermercados, por exemplo, que sempre falam que são super preocupados com as questões sociais e ambientais. Queremos mostrar que eles estão comprando fruta de quem não tem essa preocupação. Tanto para dentro do Brasil, quanto para fora do Brasil. Os relatórios têm a importância de dar essa visibilidade e é uma pesquisa séria. Procuramos ter as informações corretas. Mas o mais importante é que realmente se torne tanto uma ferramenta para o conhecimento da sociedade daquela realidade ali, quanto para que aqueles representantes sindicais, mulheres e homens, possam fazer suas negociações e garantir melhores condições de trabalho e seus direitos. Hoje vemos, com esse estudo, muitos direitos que não são cumpridos, muitos direitos que não são permitidos a esses assalariados e assalariadas rurais. O tema do agrotóxico, por exemplo, é uma coisa terrível quando vemos as consequências dos agrotóxicos que essas trabalhadoras e trabalhadores têm que usar. Os salários que são mínimos, as condições para as mulheres são sempre as piores. As mulheres não podem ficar grávidas, não podem ter licença maternidade adequada e é uma situação muito injusta e precisamos mostrar para a população que isso não está correto.

QUERIA QUE VOCÊ DEIXASSE UMA MENSAGEM FALANDO COMO AS MULHERES PODEM SE UNIR E ESTAR REPRESENTADAS DENTRO DOS SINDICATOS PARA QUE ESTA LUTA CONTINUE E PERDURE.

Quero dizer para as companheiras aí do campo o seguinte: estar no sindicato, estar na liderança é um direito de vocês. Não é favor dos homens, não. É um direito de vocês! Vocês são trabalhadoras com jornada dobrada, vocês trabalham no campo e ainda trabalham em casa para cuidar da família. As mulheres que são assalariadas precisam entender que elas têm a capacidade de estar nesses espaços de negociação com a força do que elas fazem, do que elas produzem. Acreditem em vocês! É importantíssimo estar juntas na luta, se unam porque é a união que faz a força mesmo.



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

ELAINE PAGGI

Dirigente da Contar



Dirigente sindical da Contar, no município de Jandaia do Sul, no Paraná, Elaine Paggi tem suas raízes na agricultura familiar e sempre teve um contato estreito com o sindicato da cidade. Nesta entrevista, ela fala sobre sua trajetória, como as assalariadas rurais precisam se envolver nas convenções coletivas e sobre a importância da luta organizada para que as mulheres assalariadas consigam, unidas, seus direitos.

FALE UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA DENTRO DO SINDICATO. COMO É SUA ROTINA, COMO VOCÊ CHEGOU A OCUPAR ESSE ESPAÇO DENTRO DO SINDICATO?

A minha família é toda da agricultura familiar e a gente sempre participou do Sindicato com sócios. Em 2014, fui contratada pela usina e fui trabalhar no plantio de cana-de-açúcar. Era fiscal de eito e continuamos a participar do sindicato, indo nas reuniões, assembleias. Em 2016, aqui em Jandaia, foi fundado o primeiro Sindicato de Assalariados Rurais. Nós somos o único sindicato, aqui do Paraná, exclusivo de assalariados rurais. Em seguida, fui chamada para fazer parte da diretoria e, depois, foi fundado tudo. Me convidaram para trabalhar no sindicato. Não tinha condições, no início, de pagar um funcionário, então eu vim trabalhar aqui, licenciada pela empresa.

COMO É A DINÂMICA AÍ EM JANDAIA DO SUL? A GENTE JÁ ENTREVISTOU MULHERES DO BRASIL TODO E CADA UMA TEM UMA PARTICULARIDADE EM RELAÇÃO À NEGOCIAÇÃO DE CONVENÇÕES COLETIVAS, EM RELAÇÃO A PAGAMENTOS, QUE MUITAS VEZES DIVERGEM ENTRE

PAGAMENTO DO HOMEM E PAGAMENTO DA MULHER. COMO É ESSA QUESTÃO DA MULHER ASSALARIADA NO CAMPO AÍ?

A questão das convenções, a gente tem conhecimento em muitos estados, e na convenção já consta uma porcentagem de mulher, que é obrigatória se contratar. Aqui no município nós não temos essa cláusula nas convenções, mas não temos problemas na contratação de mulher assalariada, porque aqui é bem diversificado. Nós temos o plantio de cana, né? O corte que tem tanto mulher como homens; tem a uva, que existe bastante mão de obra feminina, por ser um trabalho mais delicado. Então tem bastante contratação feminina. Tem também as granjas, que tem bastante contratação de mulheres. Então nessa questão da contratação de mulheres, nós não temos tanto problema.

A questão de pagamentos, pelo que a gente acompanha, está bem. Os salários são iguais. A gente acompanha muito de perto e, desde que entramos no Sindicato, nós assumimos um compromisso com os trabalhadores de estar acompanhando eles de perto. Só que para o assalariado é muito difícil ele vir até o Sindicato. Se a gente marca uma reunião, uma assembleia durante a semana, eles não conseguem vir, porque não tem como eles largarem o serviço para vir até nós. Então assumimos o compromisso de estar visitando eles no campo de trabalho. Então uma vez a cada dois meses, a gente elege um lugar para visitar para ver a questão do pagamento se está em dia, os EPIs se estão sendo usados, toda essa parte. Como o município é pequeno, conseguimos acompanhar esse trabalho dos assalariados.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCÊ VÊ À FRENTE DO SINDICATO? É O TRATO COM AS EMPRESAS OU COM OS TRABALHADORES?

Nós temos muitos desafios com as empresas do acesso ao trabalhador. Temos dificuldade na hora de montar a diretoria, principalmente, porque falou de Sindicato, os donos das empresas já não olham com bons olhos e muitos trabalhadores ficam com receio de estar trabalhando com a gente, com medo dessa perseguição dos patrões. Tem também a resistência do próprio trabalhador. O Sindicato ficou um pouquinho mal visto por nossos governantes batendo em cima, maltratando a gente. Tem bastante dificuldade de convencer o trabalhador de aderir à causa, à luta, né? Porque a gente tem muita cobrança do aumento de salário. Mas hoje, se a gente for olhar, o aumento que a gente teve no salário foi muito pouco. Assim, a gente fica até sem condições de estar brigando ali com a empresa por melhores condições.

“Temos dificuldade na hora de montar a diretoria porque falou de Sindicato, os donos das empresas já não olham com bons olhos e muitos trabalhadores ficam com receio de estar com a gente, com medo dessa perseguição dos patrões”

É UMA BRIGA QUE VOCÊ PRECISA DIZER AO TRABALHADOR QUE ELE TEM DIREITO, NÃO É UMA BRIGA DO SINDICATO. COMO É ESSE DIÁLOGO COM OS ASSALARIADOS, PARA QUE ELES POSSAM ENTENDER QUE A LUTA, A BRIGA, É DELES E NÃO DO SINDICATO ENQUANTO ENTIDADE?

Exatamente! A gente procura sempre estar visitando eles. Na granja, no corte de cana e no plantio, a gente consegue acessar um número grande de trabalhadores. Estamos ali, tentando conversar, explicando: “Gente, não adianta eu ou a diretoria estar brigando, se vocês não aderirem à nossa causa. A gente vem aqui, faz uma reunião e na hora de assinar uma lista de presença, ou alguma coisa, vocês não querem assinar que porque acha que está favorecendo o Sindicato”. A luta não é minha, não é do presidente, a luta é de todos os trabalhadores.

Se eles não tiverem consciência de que eles precisam se unir, precisam estar juntos para a gente lutar, a gente não vai chegar a lugar nenhum, porque se a empresa vê que os trabalhadores estão contra ao sindicato, eles não vão ouvir as nossas reivindicações. Então a gente tem que estar unido a eles, a gente tenta fazer com que eles compreendam isso, que eles precisam estar unidos à gente, porque a gente tem a força para lutar pelos direitos deles.

“A luta não é minha, não é do presidente, a luta é de todos os trabalhadores. Se eles não tiverem consciência de que precisam estar juntos para a gente lutar, a gente não vai chegar a lugar nenhum”

PARA AMARRAR ESSA CONVERSA, VAMOS FINALIZAR FALANDO SOBRE A QUESTÃO DE DIREITOS. VOCÊ AGORA FAZ PARTE DA COMISSÃO DE MULHERES DA CONTAR. QUAIS SÃO OS DESAFIOS DE LUTAS E PAUTAS AGORA?

Nos reunimos em Brasília e trabalhamos muito esse tema. Ouvimos relatos de companheiras que passam por muitas dificuldades. A luta maior é pela inserção da mulher no mercado de trabalho, pelo direito de salário igual ao homem...Vamos começar essa luta junto com nossas companheiras. Às vezes é um pouco difícil, sabemos que a luta é grande, não vai ser fácil, mas nós estamos dispostas a lutar. Na condição de mulheres mesmo – a gente estava lá conversando – e é muita dificuldade entre as próprias mulheres. Às vezes a mulher que está ali, vamos dizer num cargo um pouquinho acima, ela é mal vista e julgada pelas outras mulheres. Então, às vezes, a gente luta contra nós mesmas.



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.

JAQUELINE LEITE

Responsável por Gênero e LGBTI do CLAMU



Jaqueline Leite, responsável por Gênero e LGBTI, do Comitê Latino-americano de Mulheres (CLAMU) da UITA, ressalta nesta edição do “Diálogos das Assalariadas Rurais” a importância que as formações têm para o empoderamento das mulheres da categoria. Ela acrescenta que são visíveis os resultados destes momentos em que mulheres de todo o país se encontram e se unem na luta dentro e fora dos sindicatos para que seus direitos sejam mantidos e conquistados.

e trabalhadoras. Foi importante o momento onde a Contar se sensibiliza com a questão das mulheres e abre uma porta, uma possibilidade de as mulheres terem sua organização no interior da Confederação. Foi aí que preparamos formações onde as mulheres pudessem refletir, dialogar, entender quais eram suas questões e seus problemas dentro de um país que é tão plural. Foi um momento onde todas puderam estar juntas e dialogar sobre essas questões e falar sobre as necessidades de aproveitamento desse espaço para construir e ter um plano de



A IMPORTÂNCIA DAS FORMAÇÕES

Todos sabemos desse trágico momento em que o país vive e todo o desmonte que houve com relação aos direitos dos trabalhadores

ação onde elas pudessem também ter todas as conquistas necessárias tanto dentro dos sindicatos quanto no espaço público, onde elas pudessem ter essa visibilidade.

UNIÃO E VISIBILIDADE

Essa formação mostrou várias questões para serem trabalhadas e também mostrou algumas fortalezas das mulheres. Uma delas é essa união que as formações conseguiram fazer com que as mulheres estivessem mais unidas e juntassem os objetivos comuns para poderem ter estratégias de luta, tanto dentro de seus sindicatos, como o embate da questão de gênero, como também fora de seus sindicatos com as questões que são levadas ao público.

Também trouxe essa visibilidade que as trabalhadoras assalariadas rurais não tinham mais. Essa visibilidade foi possível a partir do momento em que elas se conheceram, que se comunicaram e que se entenderam, e puderam unir suas forças e seus objetivos em comum. A formação permitiu a estratégia de empoderamento da mulher e conseguiu traçar um plano de ação onde elas tivessem mais empoderamento, não somente em seus sindicatos, em níveis locais, mas aos níveis nacionais.

ESTRATÉGIAS DE LUTA

Os resultados dessas formações foram muito visíveis. Um dos primeiros resultados que se percebeu foi a unidade. As mulheres refletiram, tiveram essa unidade de pensamentos, unidade de problemas que fez também a unidade de criar um plano de ação. Tudo isso faz elas se sentirem mais próximas e muito mais fortes. Outra questão são as estratégias comuns. Elas entenderam que existem alguns pontos que devem ser trabalhados, devem ser especialmente visibilizados para uma melhoria.

Outra questão foi o protagonismo das mulheres no espaço político sindical. Elas entenderam que existe este espaço e este espaço precisa ser conquistado e esse protagonismo tem que ser visibilizado. Isso foi importante para elas entenderem sobre o protagonismo da mulher assalariada rural dentro do espaço político sindical. Outro ponto forte foi a criação da Comissão Nacional das Assalariadas Rurais. A Comissão vai dar a possibilidade para reflexões desses encontros, dessa possibilidade de promover

mais a mulher dentro do espaço sindical, como também as conquistas que elas terão no futuro.

ATENTAS E FORTES

A trabalhadora não pode se acomodar achando que os direitos já estão conquistados. Esta luta é constante. Não podemos parar porque a iminência de nossos direitos serem afastados, diminuídos, retirados, é constante. Por isso, nós mulheres, nós trabalhadoras, temos que insistir na permanência de nossas reivindicações, direitos e conquistas. O que queremos realmente é conquistar a equidade de gênero no âmbito sindical, isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, dar visibilidade da mulher, da trabalhadora. Seu trabalho é importante, é protagonista e seu trabalho tem que ser valorizado. Nosso recado é que temos que estar vigilantes na nossa jornada para que toda essa conquista não seja esquecida, não seja anulada, que nossa conquista seja permanente. Diária e permanente. Esse é o nosso resultado e a nossa proposta de continuidade. Vamos continuar vigilantes sempre.



Aponte sua câmera para o QR Code e assista a entrevista no canal do Youtube da CONTAR.



Produção: Tambaú Comunicação
+55 (83) 99992-8898



DIÁLOGOS DAS ASSALARIADAS RURAIS 2022

